
Editorial

Teologia: desafios e perspectivas

RODRIGO SILVA¹

Teologia é uma palavra criada pelos gregos. Na Grécia antiga, poetas (como Homero e Orfeu) discursavam eloquentemente acerca dos deuses. Depois, os Pais da Igreja incorporaram o termo ao cristianismo, onde ele passou de “discurso sobre a Deus” para “ideia de Deus” e, finalmente, “estudo de Deus” (definição hoje tremendamente objetável, pois Deus não é objeto de análise).

Uma definição dada por Ernest Kevan parece boa: “Teologia é a ciência de Deus segundo ele se revelou em sua Palavra” (*apud* ROLDAN, 2000, p. 24). A isso acrescenta-se que Deus não apenas se revelou, mas revelou verdades acerca de si e do mundo. Essas verdades são as doutrinas que compõem o escopo escriturístico judaico-cristão.

De fato, a Teologia nasce da fé. O teólogo é nada menos que o ser humano refletindo sobre suas crenças a partir da revelação de Deus. No dizer de Anselmo de Cantuária (1979): “Não busco compreender para crer, mas creio para compreender” – *non enim quaero intelligere, ut credam; sed credo, ut intelligam* (*Proslogion*, 1). Continuando, ele afirma que “a fé ama saber”.

Nesse ínterim, a Teologia esbarra com três desafios. O primeiro, apontado por Karl Barth (1996), seria aquele que demanda uma definição mais precisa de que Deus estamos falando. Lembremos que todo ser humano, conscientemente ou não, possui um discurso acerca da transcendência. Mesmo os ateus e agnósticos que não creem, expressam

.....
¹ Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. S. Assunção (atualmente ligada à PUC-SP) e doutor em Arqueologia Clássica pela USP. Editor-chefe da Kerygma. E-mail: editora.unaspress@unaspu.edu.br



conceitos acerca da divindade, nem que seja para negá-la. Sendo assim, corre-se o risco de haver tantas teologias nascidas desses discursos que o saber teológico acabará abarcando tudo e nada ao mesmo tempo.

Abre-se, nesse sentido, espaço para propor que não é Deus que nasce da teologia e sim a teologia que nasce de Deus. O discurso tem de partir de uma revelação que ele faz de si mesmo e não o contrário. A proposta de Barth (1996) nesse sentido parece interessante, explicar que estamos falando de uma teologia “evangélica”, não no sentido religioso de igrejas “evangélicas”, mas no sentido de produzir um discurso que seja coerente com o Deus que se revela.

O segundo desafio está no fato de que, entendida como um saber da mente, a teologia terá um viés não apenas emocional e espiritual, mas também racional. É um discurso do intelecto que, para ser claro e inteligível, demanda sistematização e coerência. Do mesmo modo, é uma ciência muito particular, *sui generis* eu diria, pois necessita trabalhar a temática de Deus, sem cair no erro de tematizá-lo, isto é, torná-lo objeto de análise. O grande perigo para o teólogo é arvorar para si o título de “especialista em Deus”, tecnólogo em divindade.

Por fim, o terceiro desafio diz respeito ao método, um elemento fundamental negligenciado em muitos discursos feitos por egressos das escolas de Teologia. A íntima relação entre fé e teologia leva alguns a entenderem o método teológico como a “fé em estado de ciência”, o que não é de todo errado, pois não implica necessariamente numa perda da espiritualidade, mas em uma busca por coerência na hora de sistematizá-la.

Numa época em que o saber se torna bastante especializado, é desejável que os acadêmicos de teologia também se tornem instruídos em determinados setores nos quais concentrarão suas linhas de pesquisa. Afinal, quem ganha em extensão pode perder em profundidade. Por isso é importante especializar-se. Contudo, é igualmente imprescindível que haja saudável diálogo e troca de saberes entre os pares, em áreas distintas. Os programas teológicos não podem ser um esfacelado conjunto de matérias e especializações sem nenhuma correlação entre si.

O teólogo não pode se deixar confundir com um especialista fechado em sua área. Não faz sentido falar em teologia bíblica ou sistemática se esses títulos se tornam uma clausura em torno de determinado tema. Pior ainda é quando o desvínculo se dá em relação às necessida-



des práticas da igreja. Qualquer exercício hermenêutico, histórico ou sistemático será infrutífero se não buscar uma aplicabilidade pastoral.

Nesse sentido, o melhor lugar para se fazer teologia é a igreja, com seus problemas, dúvidas e desafios. Os departamentos de teologia dos seminários e universidades devem ser, em conjunto, catalizadores que visam, a partir da revelação bíblica, devolver aos membros um discurso teológico às vezes vindo deles mesmos, mas que pode teoricamente ser refinado, com ferramentas técnicas que um leigo nem sempre possui.

Nisso, as funções não devem ser vistas como postos de superioridade, muito menos reflexão avulsa. Todos devem ser servos uns dos outros e a teologia, para ser eficaz, tem de ser construída em conjunto por membros e teólogos por formação, alicerçados, evidentemente, na palavra revelada de Deus.

Estão, pois, postos os grandes desafios para a teologia presente. Eles não são inéditos, mas possuem peculiaridades próprias desse tempo que merecem ser consideradas. O objetivo continua sendo o de encontrar no campo das igrejas locais e seus indivíduos uma síntese entre o estudo consciente da palavra de Deus, o respeito pelas diferenças que sejam periféricas e o acolhimento da fé que faça com que o conjunto de doutrinas deixe de ser mero teologismo para se tornar uma demonstração conjunta de que Deus ainda tem representantes neste mundo, os quais, por compreenderem sua mensagem, a espalham com amor, fidelidade e devoção.

Referências

ANSELMO. **Proslógio**. 2. ed. Tradução Angelo Ricci. São Paulo: Abril Cultura, 1979.

BARTH, K. **Introdução à teologia evangélica**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

ROLDAN, A. F. **Para que serve a teologia?** Curitiba: Descoberta, 2000.

